

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: OS CONTOS DE FADAS E A ERA VIRTUAL

Bárbara do Carmo Noviski Gonçalves

Sara Scheidt Soriano

Esse estudo advém foi iniciado com o meu Trabalho de Conclusão de Curso, de Bacharelado em Psicologia, o qual teve como tema norteador a psicanálise dos contos de fadas.

O trabalho percorreu uma perspectiva história da origem dos contos de fadas e dos brinquedos; foram elencadas questões sobre a infância e o brincar, bem como a prática do analista da clínica com crianças.

Por fim, realizamos uma análise das versões literárias “A gata Borralheira” vulgo “Cinderela”, dos autores Charles Perrault e a dupla Irmãos Grimm.

E deste trabalho, o que trago a vocês hoje? Um recorte de autores na práxis em psicanálise com crianças, bem como, o uso de instrumentos que dispomos na via da enunciação, do brincar em transferência.

A Psicanálise, em sua abrangência de conceitos, fomenta discussões sobre a literatura dos contos de fadas, pois tal literatura possui a criança como alvo de ouvinte.

Na clínica psicanalítica com crianças, se oferece à criança um encontro narrativo, da mesma maneira que tenta favorecer o advento do sujeito do inconsciente. Ocupa-se então de um psiquismo em constituição, como também podemos nos deparar também com algumas fragilidades das inscrições psíquicas.

Winnicott propõem em “O brincar e a realidade” (1975) que a clínica propicia o ambiente suficiente bom, aquele que acompanha a criança nas questões transicionais.

Na obra “Sob a psicoterapia pais-bebê” Golse (2003, p.74) descreve o terapeuta de crianças como aquele “suficiente maleável”, o coadjuvante, com qual a criança pode situar-se diante dos acontecimentos reais, viabiliza

[...] recolocar as dificuldades da criança em perspectiva com sua biografia e com aquela de seu grupo familiar, social e cultural.

Este encontro se dá como conceitua Bernardino em seu texto “O desejo do psicanalista e a criança” (2004, p.63) a partir do

[...] vazio que o analista introduz – com seu silêncio, sua não-demanda, sua espera – vai confrontar a criança com algo inédito. Um adulto que não é imperativo; que mesmo que seja colocado por ela mesma na posição de mestre, não a ocupa; um adulto que não dá orientações, não dá ordens, não ensina, nada pede a não ser que a criança ocupe um lugar ali; produz-se uma reação ao novo, uma inquietação: “o que quer ele, então, de mim?”, pergunta-se a criança. Este novo abre a possibilidade, para a criança, de localizar seu desejo como podendo ser diferente do que interpretou como desejo do Outro, destacado dele (BERNARDINO, 2014, p.63).

Jerusalinsky (2004, p.165) em “A educação é terapêutica? Sobre os três jogos constituintes do sujeito” norteia que o caminho dos analistas de crianças é que se ocupem “[...] do que ainda não está constituído”

Ferramentas descritas por Bredan (2012, p.27) em “A arte de cantar e contar histórias” como

O estímulo à criação, o acolhimento e o diálogo com os fazeres da criança, representam uma grande parte da sua realização íntima, social e profissional.

Como uma história não se conta sozinha, tal qual, um livro não se lê sozinho, a presença do outro se faz indispensável, papel encarnado no analista, buscou-se ao pesquisar os contos de fadas no trabalho com crianças, tomando-os como literatura e narrativa.

Torna-se importante destacar a questão do ato de narrar, como uma ação antecedente à escrita. Originada nas rodas ao redor do fogo, as rodas de narrativa são consideradas uma prática social de transmissão das memórias de uma comunidade.

Para Bredan (2012) o narrar é um recurso vital, e convoca um “mestre do ofício de narrar”, sujeito o qual contava para quem não lia, constituindo assim a cadeia oralidade-escrita nas transcrições das vozes para um material que registrasse a memória produzida.

A narrativa dos contos de fadas, originou-se no Oriente Médio e Índia, aproximadamente no século V a.C., Inicialmente as histórias eram violentas e cruéis, sofreram sucessivas adaptações, até o marco da Idade Média. Resultados que vemos nas obras dos Grimm e de Perrault.

Cabe perguntar: transmite-se algo ao narrar às crianças?

Narrar deixa impresso para as gerações elementos de uma memória. O ambiente narrativo, entre pais e filhos pode criar uma rede de vínculos, pois com a presença de um outro, viabiliza-se a construção de um psiquismo,

Golse (2003, p.74) descreve que a função parental, não se restringe somente a função de “[...] transmitir a vida, mas, de maneira mais profunda, consiste em transmitir a capacidade mesma de transmissão [...]”. E que ao narrar com prazer, equivaleria à brincar, isto é, os pais ao narrarem uma primeira história ao bebê, abrem espaço para resposta do bebê do que vivenciou. Com a troca destas experiências, surge

Uma terceira história que se constrói à medida que ela se faz e que se diz – mas que só pode ser estruturante para o bebê na condição de fazer laço com as duas histórias que lhe pré-existem, deixando espaço para o novo, para o possível, para o não-já-advindo (p.103).

Bredan (2012, p.25) aponta que a criança ao ouvir histórias [...] desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora ao mesmo tempo tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca e, portanto, exercer sua cidadania.

E os brinquedos eletrônicos, afinal, o que transmitem?

Retomemos o contexto histórico para situar os brinquedos. O enlace das histórias do meio artesão, até como se apresenta hoje da sociedade de espetáculo.

Por intermédio dos estudos de Phillip Ariès, no livro “História Social da Criança e da Família” (1981), percebemos que por muito tempo a presença das crianças nas práticas sociais, dentre elas, as rodas de narrativa de histórias, não era problematizada.

A infância foi considerada um “repositório dos costumes dos adultos”. Temos como exemplo, o brinquedo de cavalinho de pau, imitação do meio de transporte da época.

Em relação à construção dos brinquedos, Walter Benjamin (2012) em seu capítulo “Livros infantis antigos e esquecidos” do livro “Magia e técnica, arte e política”, apresenta que os primeiros brinquedos eram confeccionados em oficinas artesanais de entalhes de: madeira, estanho, confeitarias, nas fábricas de velas com bonecos de cera, torneiro (local onde vendiam soldadinhos de chumbo).

Os brinquedos eram feitos de madeira, pedra, trapo, barro, papelão. E o produto final variava entre objetos como: cavalos, bonecas, marionetes, bolas, bolinhas de gude, aros, aços, objetos de cozinha, etc.

No capítulo denominado “História cultural do brinquedo”, Walter Benjamin (2012, p. 264) aponta que em meados do século XVII a utilização dos brinquedos começa a restringir-se como indústria específica das corporativas

Essas restrições proibiram que os carpinteiros pintassem eles mesmos suas bonecas de madeira, e a produção de brinquedos de vários materiais obrigava diversas indústrias a dividirem entre si o trabalho mais simples, o que encarecia a mercadoria.

Por exemplo: uma boneca era produzida em determinado local, após essa incorporação a fabricação é dividida em processos, um artesão trabalha com o material bruto, outro, faz pintura, outro cuida das vestimentas, etc.

Temos também os adventos importantes: dos maquinários mola-corda, o uso de pilhas e baterias, o uso do plástico, e ainda mais a construção da televisão e hoje nossos tão conhecidos *tablets*.

Brandão no livro “Educa-se uma criança?” (1994) apresenta que hoje na era tecnológica, a televisão e outros meios de comunicação em massa tornam-se referência de imagem, quer dizer há uma passagem da civilização verbal para a civilização virtual e auditiva.

No texto “Que rede nos sustenta no balanço da web?” da autora Julieta Jerusalinsky (2017, p.29), é colocada a questão do risco na exposição precoce do uso das telas e o apaziguamento da experiência libidinal. Pois os aparelhos eletrônicos projetam um “[...] excesso de sensorial, deixando a criança apassivada, como espectadora de um verdadeiro bombardeio de percepções que excita o corpo e que, muitas vezes, não vem acompanhado de recursos simbólicos para tramitá-los”.

Também compomos as palavras de Christian Dunker, no texto “Intoxicação digital infantil”, onde a criança acostumada com a estimulação intermitente do aparelho acredita que o outro sempre estará na mesma disponibilidade. Os *tablets* “[...] pacificam não apenas porque fazem a função do carretel que substitui o adulto cuidador, mas porque propõe novos estímulos visuais e acústicos. Isso elimina o tempo morto, no qual a ausência do outro é o tempo desconfortável, porém criativo, de invenção do seu substituto lúdico”.

Levin aponta que (2007, p.111) “Este relacionamento da criança com as imagens das telas tende a fragmentar o diálogo geracional”. Uma fragmentação que rompe as estruturas familiares, esta vista em todas as classes sociais. A família não é mais considerada um veículo privilegiado de transmissão geracional.

O mesmo autor expõe a tendência atual de o conhecimento estar nos objetos-brinquedo, os “brinquedos para não brincar”, o qual banaliza a procura pela invenção infantil, conduz a uma brincadeira solitária, pois é o objeto “[...] que se movimenta, age, fala, canta, brinca e faz por dela.

Eles têm seu valor em si mesmos e para si mesmos, não são compartilhados e não se brinca com eles. Atendem a uma finalidade, servindo à individualidade, solitária desse momento e durando até ser suplantado por outro objeto-brinquedo mais moderno e evoluído, que então reinicia o processo. Possuída pelo objeto, a criança finalmente o possui (p.49)

A autora Bernardino aponta a questão ética em relação ao diálogo e estudos sobre as consequências da suposta “comodidade” em curto prazo causado pelas telas, até as possíveis consequências a longo prazo, em relação aos sujeitos ditos em constituição

.Faz-se necessário questionar os costumes atuais, afinal, o que há de transmissão na era dos *tablets*?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. Pequena Contribuição à História dos Jogos e das Brincadeiras. In:_____. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1981. pp.82-124.

BENJAMIN, Walter. História cultural do brinquedo. In:_____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp.263-266.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. O desejo do psicanalista e a criança. In:_____ (Org.) Psicanalisar crianças: que desejo é esse? Salvador: Àgalma: 2004. pp.57-70.

BRANDÃO, Régius. O mito é a mensagem. CALLIGARIS, Contardo; et al. Educa-se uma criança? Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. pp.185-191.

BREDAN, Bia. A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 208p.

DUNKER, Christian. Intoxicação digital infantil. In: BAPTISTA, Angela. JERUSALINSKY, Julieta. Intoxicações eletrônicas: o sujeito da era das relações virtuais. Salvador: Àgalma: 2017. pp.13-38.

GOLSE, Bernard. Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 165p.

JERUSALINSKY, Alfredo. A educação é terapêutica? Sobre os três jogos constituintes do sujeito (Parte I). In:_____ (Org.) Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. pp.155-160.

JERUSALINSKY, Julieta. Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, Angela. JERUSALINSKY, Julieta. Intoxicações eletrônicas: o sujeito da era das relações virtuais. Salvador: Àgalma: 2017. pp.13-38.

WINNICOTT, Donald Woods. O brincar: Uma Exposição Teórica. In:_____. O Brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975. pp.59-77.